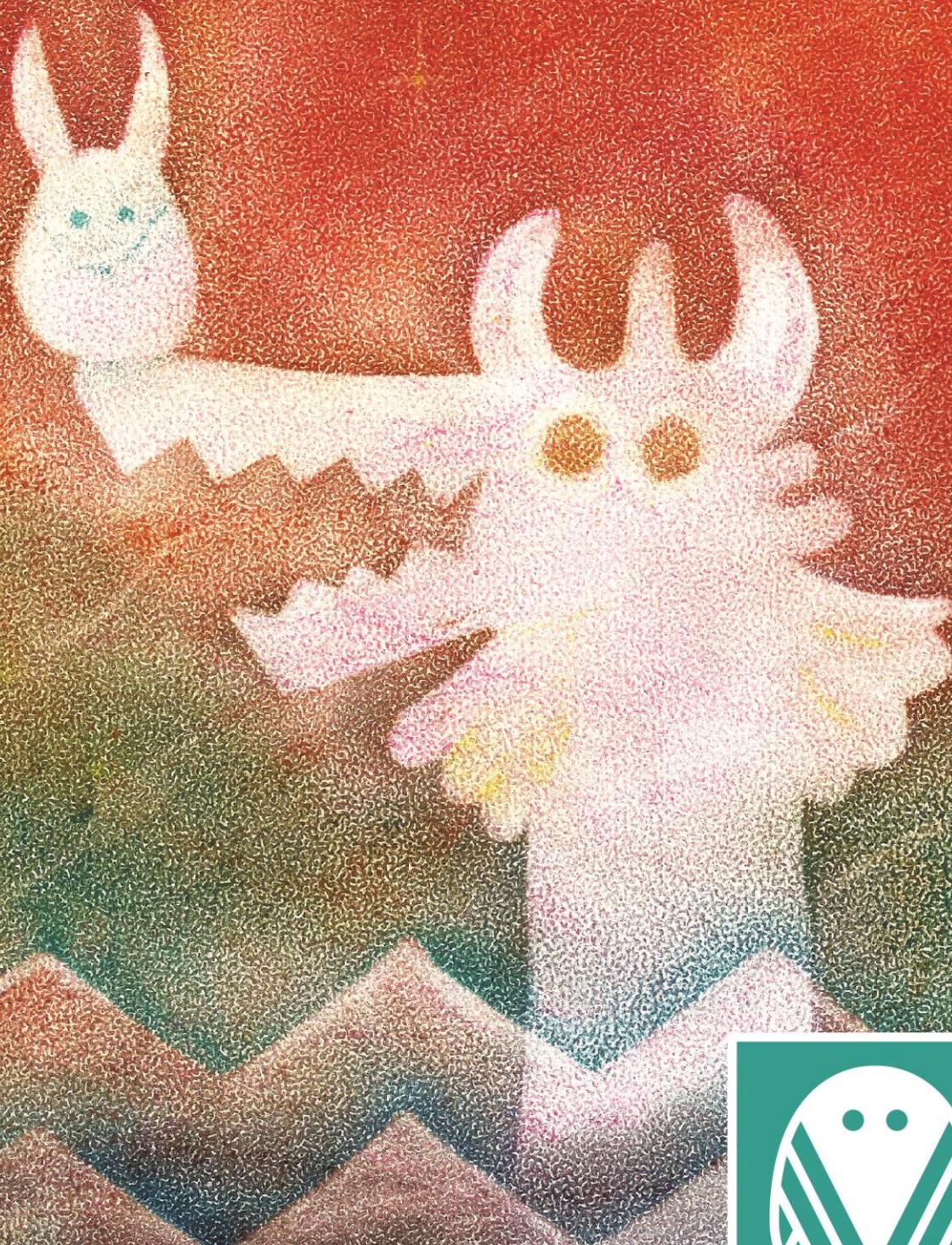


Nº 01  
PARTE 2 DE 4  
FEV/2018

ORGANIZAÇÃO: JANA BIANCHI • CAPA: BRUNO MÜLLER



ERIC NOVELLO  
FERNANDA GASTRO  
ROBERTO CAUSO  
RODRIGO ASSIS MESQUITA  
RODRIGO VAN KAMPEN



**MAFA**  
**GAFO**

# ÍNDICE

Editorial N°01-2	3
Tons de Rosa	4
PARTE 2	5
<deletado>	9
PARTE 2	10
Pé de Coelho	16
PARTE 2	17
Encantadores de Dragão	20
PARTE 2	21
Eterna: A Cidade Perdida	24
PARTE 2	25



## Editorial N°01-2

**B**em-vindes à Parte 2 da nossa primeira edição! É hora de acompanhar mais um pouco da investigação de Maíra sobre as crianças afogadas em Miracema, continuar ouvindo o relato de <deletado> sobre seu envolvimento com o projeto do Compilador da História, saber mais sobre o misterioso capanga mascarado que aceitou conversar com Diana em São Paulo, descobrir o que Hugo pretende fazer com Mayara e Lúcio no alto da torre de sua fortaleza e conhecer Eterna de cima junto com Ulisses Brasileiro.

Quero aproveitar esse espaço pra agradecer todo mundo que leu, comentou e ajudou a divulgar a revista. Por conta do retorno de vocês, nessa parte as ilustrações estão um pouco maiores e também contam com descrição. Também está sendo incrível acompanhar pelas redes a formação de equipes para submissão de material e a empolgação de quem já enviou o pitch e/ou está trabalhando em textos por ocasião da abertura da submissão para a Edição 2. O nosso objetivo era exatamente esse!

De novo, não deixe de nos contar o que está achando do andamento dessa primeira edição. Gostou da experiência de ter que esperar pela continuação de uma história? O que está achando dos contos? Mande um e-mail pra [mafagafochefe@mafagaforevista.com.br](mailto:mafagafochefe@mafagaforevista.com.br), deixe um tuíte lá no [@mafagaforevista](https://www.instagram.com/mafagaforevista), uma mensagem direta no Instagram [@mafagaforevista](https://www.instagram.com/mafagaforevista) ou dê um pulo na página do Facebook, [Mafagafo Revista](https://www.facebook.com/MafagafoRevista). Se você usa alguma rede social de leitura, pode também deixar sua opinião e adicionar nas suas listas de leitura tanto a Parte 1 ([Goodreads](#), [Skoob](#)) quanto a Parte 2 ([Goodreads](#), [Skoob](#)).

Se você gostou da revista e quer participar, visite <http://mafagaforevista.com.br/submissoes/>. Na data de lançamento desta Parte 2, as submissões para contos e noveletas de 4.000 a 17.500 palavras já estarão fechadas, mas você ainda pode enviar flash fictions de 300 a 1.000 palavras ou demonstrar seu interesse de colaborar como ilustradore solo até dia 31 de maio!

Se você chegou aqui sem saber muito sobre o projeto, visite [www.mafagaforevista.com.br](http://www.mafagaforevista.com.br) e fique a par de tudo o que acontece no Ninho — lá tem a resposta às perguntas frequentes, inclusive o que raios é uma revista. Inclusive, se você conheceu a Mafagafo através desta parte, recomendo que visite o site e baixe a Parte 1 para ler primeiro. Aproveite a visita e assine nossa newsletter pra não perder, nos próximos meses, a publicação das partes 3 e 4, que trarão a metade final dos cinco contos dessa edição.

E claro, compartilhe com seus amigos a palavra e o link para baixar as partes já publicadas da revista! :)

Vejo você na Parte 3!

Jana Bianchi  
Mafagafo Chefe & Editora



# Tons de Rosa

por Fernanda Castro

Quando a assistente social Máira retorna à cidade de sua infância, no coração do Pará, sabe que terá pela frente uma missão insólita: lidar com o misticismo da comunidade para colocar em prática políticas de prevenção capazes de evitar o afogamento de crianças ribeirinhas — segundo os habitantes de Miracema, criança que cai no rio é filha do boto. Em meio às viagens de barco, ao clima abafado e aos temperos do jambu e do tacacá, Máira precisará investigar a origem dessa lenda centenária, lutando contra a crendice e a desinformação que ela julga serem disseminadas pela líder espiritual do lugar. E, entre alguns copos de cerveja e olhares trocados no Bar da Cuíca, talvez Máira descubra coisas inacreditáveis. Principalmente sobre si mesma.



## Autoria

### FERNANDA CASTRO

Fernanda Castro é a traça-chefe do *The Bookworm Scientist*, blog literário interessado em dissecar obras e autores de fantasia, uma página por vez. Passou boa parte de seus 26 anos com o nariz enfiado num livro (o que talvez explique a miopia). Já publicou um conto na *Revista Trásgo*, foi organizadora da antologia *Valquírias* e atualmente pesquisa a área de *transmedia storytelling*. Nas horas vagas faz crochê, é mãe de calopsitas e tenta ler só mais um capítulo rapidinho antes de dormir.

[www.bookwormscientist.com/](http://www.bookwormscientist.com/)

[www.fb.com/thebookwormscientist/](https://www.facebook.com/thebookwormscientist/)

[contato@bookwormscientist.com](mailto:contato@bookwormscientist.com)

## Edição

### JANA BIANCHI

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista e co-host do podcast *Curta Ficção*, co-host do podcast *Desafio Ex Machina* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto “*Analogia*” (*Revista Trásgo* #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi) e na newsletter que pode ser assinada em [www.galeriacreta.com.br/beco](http://www.galeriacreta.com.br/beco).



## Ilustrações

### VITOR CLEMENTE

Vitor Clemente tem 23 anos, sagitariano, formou-se em produção publicitária e atualmente trabalha no ramo editorial, mas sempre que tem um espacinho no tempo dedica-se às suas ilustrações ou fica pensando em uma nova. Adora descobrir uma saga de fantasia onde pode viajar para outros mundos. Seu livro favorito chama-se *O Nome do Vento*, sua animação favorita é *Avatar*, sua casa é a Corvinal e seu patrono é um golfinho (segundo o Pottermore, é claro). Instagram [@vithxrcs](https://www.instagram.com/vithxrcs)



# Tons de Rosa

## PARTE 2



**M**aíra bateu palmas na entrada da casinha de madeira e aguardou ser atendida. Ou melhor, rezou para ser atendida. Após a conversa com Delfim, estava determinada a testar uma nova forma de lidar com os ribeirinhos, e a família de Tião parecia um bom ponto de partida.

A porta abriu alguns segundos depois, revelando o rosto moreno e cansado de Antônia. Se a noite não havia sido fácil para Maíra, não podia sequer imaginar como havia sido para aquela mãe. As duas mulheres trocaram um sorriso fraco e cheio de significados. “Sinto muito pela sua perda”, transmitia Maíra. “Eu sei”, indicava Antônia.

A dona da casa abriu espaço para que a outra passasse. A sala cheirava a café recém coado.

— É para as visitas — explicou Antônia. — Elas devem vir bastante essa semana...

— Seu marido não está em casa?

— Foi trabalhar.

Maíra sentiu um nó se formar na garganta: o luto era vivido de um jeito muito diferente e muito rápido entre as comunidades mais pobres daquela região. O sustento das famílias precisava ser conquistado todo dia, com ou sem tragédias. Sentou-se numa mesa ao lado da janela, mochila no colo, procurando num dos bolsos o trunfo que justificaria sua visita. Nunca visitara a casa de Antônia a não ser por motivos profissionais, e não queria que a outra pensasse que viera por pena.

Por fim, estendeu uma caixinha de papelão e um papelzinho amassado para Antônia.

— Trouxe o remédio que me pediu. Para... para tomar depois que o bebê nascer. Se você seguir as instruções direitinho, não vai mais engravidar. E você pode ir buscar mais no posto todo mês.

A mulher ergueu as sobrancelhas enquanto desdobrava o papel, observando com atenção os desenhos que Maíra fizera. Era comum que receituários fossem distribuídos dessa forma entre os



ribeirinhos. Eles preferiam contar o número de sóis, luas e gotinhas vermelhas desenhados do que ler as complicadas receitas médicas e seus números, fórmulas e dias do mês. O tempo na beira do rio era contado de acordo com a natureza e não com a matemática.

Antônia balançou a cabeça em concordância e soltou um breve sorriso.

— Obrigada, dona.

— Está tudo bem com o bebê? — Máira apressou-se a perguntar. Não podia deixar a conversa cair no abismo do silêncio constrangedor.

Antônia guardou o remédio e serviu café em duas xícaras, vindo sentar no outro lado da mesa, de frente para a assistente social. Passou preguiçosamente a mão pela barriga.

— Tá sim. Tá quietinho ainda, mas tá bem.

— E você? — a outra arriscou.

— Tô melhorando. Mãe Preta tem ajudado muito. Ela disse que Tião está com o rio agora.

— Desculpe por eu não ter sido capaz de salvar seu filho.

— Virou boto, dona, não tinha nada que a gente pudesse fazer.

Máira engoliu em seco, tentando manter o semblante impassível. Sabia que Antônia esperava uma reação de descrença. Mas não era isso que ela pretendia oferecer à dona da casa.

— Acha que as outras crianças que morreram afogadas aqui em Miracema viraram botos também?

A surpresa estampou o rosto da ribeirinha, mas foi embora com a mesma rapidez com que chegou. Antônia estava claramente ferida e precisava conversar com alguém. Até mesmo com uma assistente social que nunca havia demonstrado interesse pelo assunto. Fixou o olhar através da janela, perdida em pensamentos, entregue ao desabafo.

— Ah, não sei... Acho que não todas. Mas algumas devem ter virado... O meu Tião eu sei que virou.

Máira bebericou o café.

— Sempre soube que Tião era filho do boto? — sentiu-se estranha ao fazer a pergunta, mas precisava de uma resposta sincera. Estaria cruzando uma fronteira importante em sua missão de habitar o mesmo mundo que aquela mulher.

— Sempre soube que ele podia ser. Mas, até ontem, eu acreditava que era do Sebastião. Se não nem tinha colocado o mesmo nome.

— Não tinha como ter certeza?

Antônia balançou a cabeça.

— Eu era muito nova. Foi logo quando me casei. — Ela pareceu corar um pouco. — A gente fazia aquilo o tempo todo... Você tem mais ou menos a minha idade, não tem? Sabe como é...

Máira sorriu para a moça à frente. Ali, iluminada pelos raios de sol a pino que entravam pela janela, era possível enxergar as partículas de poeira ondulando no ar. E, mais importante, era possível enxergar Antônia. Não a ribeirinha, não a mãe que perdera um filho afogado. Apenas Antônia, uma mulher que, pela idade, poderia ter sido sua amiga de infância caso a vida não tivesse planos tão distintos para elas.

— Sei sim — Máira sentiu-se envergonhada também. — A gente não pensa muito nas coisas, né?

— Não mesmo...

O tom travesso de Antônia foi sumindo conforme as lembranças a inundavam. Quando voltou a falar, estava séria novamente.

— Foi uma vez só, sabe? Uma única vez. Me arrependo até hoje de ter feito isso com o Sebastião. Mas ele estava tão lindo...

— Ele?

— O boto.

— Ah... — Máira fez o possível para não parecer surpresa. Se Antônia notou alguma coisa, não se manifestou.

— Claro que eu não sabia que ele era o boto naquela época. Quer dizer, eu ouvia histórias... mas não achava que ia acontecer comigo.

— E aí o boto te seduziu?

A mulher achou graça da pergunta.

— Acho que fui eu que procurei ele, na verdade. Foi muito bom. Me arrependo pelo Sebastião, nunca vou fazer isso de novo, mas... o diabo era muito, muito bom comigo.



Maíra permitiu-se rir. As garotas de Miracema eram no geral bastante fechadas com estranhos. Esse tipo de conversa franca só era permitido entre parentes, entre amigas. E ela sentiu pela primeira vez, desde que deixara a cidade ainda menina, a sensação de fazer parte de alguma coisa.

— Aí eu engravidei — Antônia prosseguiu. — E como eu ia saber de quem era o meu menino? Esperei, esperei... e quase morri de felicidade quando Tião nasceu a cara do pai. Achei que estava tudo resolvido. Até ontem.

— Seu marido sabe disso?

Ela assentiu com um misto de vergonha e alívio.

— Tive que contar. Mãe Preta falou que ele precisava saber por mim, ou ia ficar com a cabeça cheia de besteira.

— E ele reagiu bem?

— Disse que sempre seria pai do Tião, independente dele ser boto — ela ergueu os olhos para a assistente com um orgulho acanhado dançando pelo rosto. — É um marido muito bom, ele. Ainda está chateado comigo, mas falou que tudo vai ficar bem, que ele vai dar um jeito. E agora temos outro bacuri chegando...

— Fico feliz de que vocês estejam dispostos a recomeçar. — Maíra estava sendo sincera.

— É... Meu menino tá no rio agora, vai ser cuidado pelo pai. Só preciso me acostumar com a saudade.

Ficaram em silêncio durante um tempo, apreciando o café e o horizonte. Maíra pensou em Delfim. O desgraçado tinha mesmo razão. A certeza de Antônia sobre o bem-estar do filho falecido era o que a mantinha de pé. O casamento dela provavelmente só sobrevivera graças à lenda. Sebastião podia ser um bom homem, mas com certeza perdoara a esposa por causa do boto. Acreditava que ela havia sido enfeitiçada. Acreditava que a criança bastarda estava feliz em algum outro lugar.

Apenas uma peça continuava faltando.

— E o boto? — perguntou, apoiando os cotovelos no tampo da mesa. — Voltou a vê-lo?

Antônia fez um muxoxo contrariado.

— Encontro o maldito o tempo todo. Só não sabia que ele era boto.

Maíra deixou a boca pender aberta, tentando raciocinar. Aquilo não fazia sentido. Imaginara que o boto de Antônia era um homem à parte, uma ilusão ou fetiche. Mas aparentemente ela o estava identificando como alguém da comunidade.

— De quem você está falando, Antônia?

A outra deu uma risadinha como se Maíra fosse burra.

— A senhora não sabe?

— Honestamente, não.

Antônia mordeu os lábios, indecisa, como se temesse pelas consequências de compartilhar aquela informação.

— A gente nunca fala o nome dos nossos amantes por aqui — começou ela, cautelosa. — Porque se ele for o boto, os homens vão matá-lo na hora. E se ele morrer, não vai poder proteger nossos filhos no rio. As esposas do boto nunca falam, a gente aprende isso desde pequena.

— Quem ensinou isso a você?

— Mãe Preta.

Foi a vez de Maíra morder os lábios, dessa vez para manter a boca fechada. Sempre Mãe Preta. A peça central do folclore de Miracema.

— Não precisa me contar se não quiser — teve a presença de espírito de acrescentar.

Porém, para sua surpresa, Antônia debruçou-se por cima da mesa, apertando suas mãos entre as dela.

— Não, não, eu acho que preciso dizer. Preciso proteger você. É ruim demais ter um filho levado embora e não quero que outra pessoa passe pela mesma coisa.

— O que está dizendo?

— Prometa que não vai contar a ninguém.

— Eu... prometo?

Antônia fez que sim com a cabeça. E então sua voz caiu para o volume de um sussurro:

— Você fica muito perto do boto, dona, perto demais.

— Hã?

— Pode acabar caindo no feitiço dele. Andar naquele barco é perigoso.

— Eu realmente não estou...



Mas então a ficha caiu.

— Você acha que o boto é Delfim? — Maíra arregalou os olhos num turbilhão de confusão. Precisou conter o impulso de soltar-se das mãos da outra. — Isso é impossível, Antônia.

E era mesmo. Porque se fosse verdade, significava que Maíra pegava carona todo santo dia com uma criatura lendária. Significava que Delfim a estava ajudando a evitar que seus filhos caíssem na água. Ora, um boto trabalhando no aluguel de barcos para a prefeitura? Essa era nova...

Não conseguiu conter a risada. Antônia, por outro lado, era uma rocha de tão séria.

— Eu só dividi minha cama com dois homens nessa vida, Dona Maíra. Delfim e meu marido. E acho que a gente sabe qual deles já deitou com metade da cidade.

— Mas isso é...

— Ou vai dizer que a senhora nunca sentiu o sangue ferver quando ele estava perto?

Maíra continuou balançando a cabeça. Aquela ideia era completamente absurda. Morreria respeitando a crença da ribeirinha: prometera a si mesma que tentaria uma abordagem menos cética... mas pra tudo havia um limite.

Ainda assim, não conseguiu conter o arrepio discreto que percorreu sua coluna.

**Continua...**



## &lt;deletado&gt;

por Rodrigo Assis Mesquita

Num futuro próximo, <deletado> é convidado pelo Doutor para criar um software revolucionário, com capacidade de coletar, apagar e editar todas as informações do mundo em tempo real: o Compilador da História.

**Autoria****RODRIGO ASSIS MESQUITA**

Rodrigo Assis Mesquita, [deletado], é adepto da pré-pós-verdade, da liberdade dentro da cabeça e do brigadeiro de colher. Autor principalmente de ficção científica e fantasia, com contos e novelas publicados e despublicados, é criador do universo Brasil Cyberpunk 2115.

[Fio Puxado na Amazon](#)

**Edição  
THIAGO LEE**

Escritor, podcaster e ser humano nas horas vagas. Escreve fantasia, ficção científica e terror. Tem um livro e diversos contos publicados por aí. Possui formação na área de editoração e já trabalhou com revisão e leitura crítica. Finalista do prêmio Brasil em Prosa 2015, da Amazon Brasil. Host no podcast *Curta Ficção*.

[www.thiagolee.com.br](http://www.thiagolee.com.br)

[www.curtaficcao.com.br](http://www.curtaficcao.com.br)

[www.fb.com/thiagolee](https://www.facebook.com/thiagolee)

Twitter [@thiagoeulee](#)

**Ilustrações****GABY FIRMO**

É cantora, ilustradora e escritora natural de São Paulo, capital. Foi atuante na gravadora "Gota Mágica", e em animações das décadas de noventa descobriu sua paixão por novos universos. Ganhadora do Concurso Cultural da Editora Pandorga em 2016, onde publicou seu primeiro romance *Rubra: A guerreira carmesim*.

[www.gabyfirmo.com](http://www.gabyfirmo.com)



## &lt;deletado&gt;

## PARTE 2



<V< voltar><resumir> Comecei na minha nova função de líder de projeto do Compilador da História numa sala isolada e meio esquisita.  
<resumir:fim><continuar>

Mila queria me encontrar. Quando finalmente a encontrei no lugar combinado, uma ruela do antigo centro, já tinha escrito as primeiras centenas de linhas de código do Compilador. Eu não a via desde os treze anos, quando os pais dela resolveram se mudar pra Confederação Norte Americana. Meio com pressa, meio com vontade de conversar, Mila enganchou o braço no meu e me convidou pra jantar no centro velho.

— Melhor queijo de verdade que você vai comer, te juro — ela disse.

Meu estômago roncou, só pude concordar com ele.

Ela tocou minha mão três vezes sobre a mesa durante o jantar. Mila olhava ao redor o tempo todo. Um vidro retangular dava pra rua, e ela se agitava quando um carro ou um pedestre mais barulhento passavam.

Pálida e com olheiras, ela me disse depois da sobremesa:

— <deletado>, tem um projeto secreto por aí que dizem que é pro bem da humanidade. Mas os rumores se espalham.

— Sério? — Eu ajetei o colarinho.

Ela se inclinou em minha direção e disse:

— Não se faça de besta. Eu sei que você sabe o que é. Eu te conheço. — Sorriu com dificuldade.

Um garçom passou e eu apontei pro meu prato vazio.

— Muito gostoso — eu falei alto com um joinha.

Então me inclinei também.



— Mila, você não sabe do que está falando.

Ela estalou a língua, como fazia quando não tinha paciência de me explicar as coisas.

— Não faça isso, <deletado>. Você não é assim. Você sabe muito bem do que se trata. Do projeto de privatização e exclusão de informações. Da apropriação da verdade. Quem controla e edita toda a informação, em tempo real, controla o presente e o futuro.

Por um momento, o que Mila disse fez sentido, mas eu não queria pensar a respeito. Outros problemas me ocupavam.

Quando dois policiais militares pararam do lado de fora, com as costas para o vidro, ela se levantou abruptamente.

— A gente se encontra outra hora, <deletado>, ok?

— Já está indo?

— Sobee pra mim os seus dados de contato. — Ela apontou pro próprio celular.

Mila estalou um beijo no meu rosto e partiu, deixando pra trás apenas seu perfume.

Em casa, pus o resto do queijo na geladeira e liguei Pelota na parede <editar> <escrever> e enchi o potinho de comida de Pelota, o Gato. <escrever:fim>

Não consegui dormir naquela noite. Fiquei mal de não visitar minha mãe. Parecia também que estava traindo Beatriz, com quem mal tinha trocado meia dúzia de palavras quando trabalhávamos no mesmo andar. Talvez o queijo não tivesse caído bem. Algumas coisas eram difíceis de engolir.

Acessei a hipernet na tela da sala e busquei por "Gerson Entería". Dentre muitos resultados, a maioria notas à imprensa e biografias pagas, encontrei um artigo questionando a fama e a lisura da riqueza do Doutor. O autor, José Steinbeck, citava fontes relacionando os empreendimentos de Gerson a escândalos de corrupção, traições, desvios de dinheiro público. Pelo visto, o bom empresário tinha percorrido o Código Penal inteiro. O artigo trazia uma lista de ações judiciais movidas pelo Estado contra ele, mas os links não funcionavam, exceto um, de uma ação em que tinha sido condenado por difamação. Salvei os endereços do artigo e da sentença. Meu estômago queimava.

Busquei meu nome, "<deletado> <deletado>". Informações básicas sobre mim apareceram na tela, como a graduação na Universidade de <deletado>, uma versão desatualizada do currículo e uma menção à minha mãe e à minha tese premiada.

Voltei pro quarto e revirei as gavetas, com o coração chacoalhando no peito, até encontrar a versão em papel da tese. Era um crime punível com prisão perpétua e destituição de direitos de compra, nos termos da lei de abolição do papel. Não me importava. Segurar aquele livro nas mãos era um prazer secreto. Tinha cheiro de madeira compensada, cola e naftalina.

(Sim, sou um criminoso. Chamem a polícia. Vão ficar felizes de me encontrar espancado e mutilado nesta cadeira. Ai.)

Enfie o volume de volta na gaveta sob um bolo de roupas. Sentia falta das edições físicas, de algo definitivo num mundo volátil.

Procurei pelo nome de Mila e descobri que ela mantinha uma página com artigos contra "uma legislação mal-intencionada, antidemocrática e falaciosa", recheada de críticas às companhias e ao Governo. <editar> <escrever> Mila mantinha uma página terrorista incitando à divisão da nação. <escrever:fim>

(Não. Tenho certeza de que eram críticas ao Governo...)

<pular>

Trabalhei sozinho no projeto por um tempo. Beatriz nunca respondeu o convite. O motivo, não sei. Às minhas requisições de engenheiros, a burocracia corporativa respondia a mesma coisa: "sua requisição está sob avaliação do setor competente, favor aguardar retorno".

Um dia, cheguei no escritório e Beatriz estava lá, sentada diante de uma estação de trabalho instalada ao lado da minha. Ela me viu e deu um sorriso amarelo:

— Oi.

— Oi — respondi.

— Pelo visto, somos coleguinhas de trabalho agora — ela ergueu a caneca, celebrando.

Uma resposta superinteligente passou pela minha cabeça e incluía uma metáfora sobre a caneca de macaco e um convite pra sair.

— É — foi o que escorregou da minha boca besta.

A empresa tinha substituído a tela individual por uma enorme tela compartilhada pra que pudéssemos acompanhar o progresso um do outro.

— Acho que querem otimizar a escrita do código — ela disse o que pensei.



— Talvez.

— Você é sempre monossilábico desse jeito? — Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não.

Não estava acostumado a ficar sozinho numa sala com alguém, exceto com minha mãe, muito menos com alguém tão brilhante que julgaria o meu trabalho o tempo todo. Eu não ligava pras câmeras, já que elas eram só mais um aparelho como outros amontoados pelo mundo. Olhos humanos me perturbavam.

No começo, procurei digitar sem barulho e não olhar pra ela, nem conversar sobre bobagens. Tinha medo de que ela descobrisse a verdade sobre a minha estupidez.

Ela, por outro lado, tomava café quente fazendo barulhinho com a boca, apoiava os pés descalços na mesa, espreguiçava alto, se alongava, estalava os dedos e, depois de uns dias de poucas palavras, passou a comentar sobre coisas que achava interessantes.

Se você puser duas pessoas juntas por tempo suficiente, elas acabam se matando ou conversando. Parei de gaguejar e minhas respostas deixaram de ser binárias. De vez em quando, saíam até bem articuladas.

<pular>

— Vai fazer alguma coisa interessante nesse fim de semana? — perguntei depois de um mês.

— Nhé. Alguma sugestão? — Beatriz soltou o cabelo e passou os dedos entre as mechas multicoloridas.

— Estou morrendo de cansaço, mas pensei em ver um filme perto de casa.

Ela sorriu.

— E você? — perguntei.

Ela não sorriu.

— Acho que vou passar o fim de semana sozinha — respondeu.

— Que chato.

Ela se voltou pra tela e não falou mais nenhuma palavra pelo resto do dia.

(Contando a história agora, percebo como fui ridículo.)

Minha paixonite por Beatriz foi ameaçada por uma insidiosa paranoia em uma noite quente de julho quando Mila me visitou. Esparramado no sofá só de meia e cueca branca, com Pelota, o Gato, ao meu lado se lambendo com proficiência, assistia à tela sincronizada num canal de notícias com o volume bem baixo, quase um ruído de fundo, enquanto lia um livro.

A cara de Mila apareceu na tela quando a campainha tocou. Vesti um roupão pra atender a porta. Ela se esgueirou pra dentro, mandou que ficasse quieto, tirou a tela da tomada e jogou meu celular no lixo.

— Eles estão ouvindo... — ela apontou pra tela — e vigiando você.

O gato se empertigou contra ela. <editar> <escrever>

(Pelota era um gato de verdade? Nunca o tinha visto dormindo...)

<editar> <escrever> <erro de checksum>

(Parem. De. Ferrar. Com. Minha. Cabeça.)

Mila enxotou Pelota pra fora.

— Agora podemos conversar. Escute, <deletado>, você está sozinho?

Fiz que sim com a cabeça.

— Só estou fazendo isso por você. Eu te amo, como um irmão — ela disse.

— Você está doente? Morrendo...? — Eu trouxe um copo d'água.

— Você está em perigo. Não confie no Doutor. Por baixo daqueles óculos quadrados e sorriso de pai, ele é um homem mau, se é que alguém como ele pode ser chamado de homem.

Trouxe uns pedaços de papel higiênico do banheiro pra Mila enxugar os olhos e nos sentamos no sofá.

— Calma, respire fundo. Comece de novo — eu disse.

— O projeto que está desenvolvendo... Eles pegaram meu noivo. A gente faz parte de uma organização não governamental chamada <deletado>, criada pra enfrentar esse novo regime nojento, essa Democracia Corporativa.

A mão gelada dela segurou a minha.

— Há uns meses, a polícia militar invadiu nosso apartamento bem cedo, sem nenhum aviso, e o levou embora arrastado. — Mila limpou o nariz. — Eu devia ter brigado mais. Meu noivo nunca voltou. Na delegacia, disseram que não havia nenhum registro da prisão. Pior, disseram que não existia ninguém chamado <deletado> no sistema.



— Você diz ninguém preso com esse nome?

— Não, nenhuma pessoa na base de dados nacional com esse nome, como se ele nem tivesse nascido. — Ela bebeu um pouco da água.

A noite pareceu mais quente e úmida, como as noites do Estado do Norte. Nenhum vento entrava pelas janelas abertas.

— Não tenho como provar, mas eu sei como as coisas estão caminhando. A EC, o Doutor, o Governo, está todo mundo junto nessa pra mudar o mundo. Não pra melhor. <editar> <escrever> Estou convencida de que não há nada errado com a EC, o Doutor, o Governo. Acho que estou ficando louca. <escrever:fim>

Ela encarou a janela.

(Essa edição nem faz sentido. Eu sei o que ela disse.)

Ela esfregou meu joelho.

— De onde você tirou tudo isso? — perguntei.

— Tem muita gente infeliz. Em todo lugar. Não confia em mim?

Fui pegar um copo d'água pra mim no filtro da cozinha. Mila estava na beirada do sofá, curvada com os cotovelos apoiados nas coxas e o rosto escondido pelos cabelos encaracolados.

Eu queria acreditar nela, mas não tinha ideia do que pensar.

— Você tem que parar o projeto, <deletado> — ela disse.

— Isso não faz sentido. Não dá. Mesmo que eu quisesse...

— Você tem que parar. Você é inteligente pra caramba. Sempre tem um jeito.

Ela tremeu quando uma tímida brisa conseguiu circular pela sala. Busquei um suéter de lã do quarto.

— Lembra quando a gente era criança, um dia antes de eu ir embora com meus pais? — Ela sorriu.

Apertei os olhos.

— Não acredito que esqueceu. Literalmente. — Ela socou meu ombro.

— Claro que lembro. Nosso beijo. — Meu rosto ficou quente.

— Nosso primeiro beijo.

Houve um silêncio. A gente se encarou, eu enxuguei minhas mãos no roupão enquanto ela sorria com os olhos.

— Foi muito bom — eu disse.

— Você quer dizer "péssimo", né? — Ela gargalhou como uma bruxa velha. — Eu abri a minha boca, você não, então esfregamos os lábios e os narizes trombaram até que você tentou jogar uma língua no beijo e eu pensei, meu, para com isso.

— Pô.

— Você era muito fofo. Até tentou pegar no meu peito.

— Mais água?

— Você nunca teve medo. Respeito isso.

— Quer dormir aqui? É tarde.

— Certeza? Pode ser.

Eu trouxe um travesseiro e um cobertor. Ela não quis trocar de lugar comigo, disse que o sofá estava ótimo.

Já de olhos fechados, deitada sob a coberta, ela disse:

— Tem horas que fico com medo do que vai acontecer. Uma hora dessas tudo vai desmoronar.

Apaguei a luz.

— Você é uma das poucas pessoas boas que restaram. Boa noite — ela disse.

<pular>

Quando voltei do serviço no dia seguinte, não havia ninguém. Mila não tinha deixado nada, apenas o fraco perfume no suéter cuidadosamente dobrado sobre o sofá.

<pular>

Embora o serviço fosse pesado e as horas infinitas, os avisos de Mila começaram a me perturbar. Pensei em pedir a opinião de Beatriz, mas éramos dois ratos de laboratório constantemente vigiados. Além disso, se Mila estivesse certa, Beatriz podia ser uma pessoa infiltrada, talvez uma agente da polícia militar.

De casa, pesquisei sobre o noivo de Mila, <deletado>. Havia notícias esparsas da sua prisão na hipernet. Indo um pouco mais a fundo, encontrei inconsistências nos registros, variações nos



relatórios da polícia e nas notícias, embora os metadados se referissem aos mesmos arquivos. Essa forma de indexação não era correta. Essa conveniente edição dos relatos seria só um comportamento normal da mídia combinado com o desleixo da polícia?

Reconectei a tela da sala e abri o registro nacional de cidadãos na hipernet. Uma caixa de login pulou, exigindo nome de usuário e senha. Fucei um pouco e entrei — a proteção era uma palhaçada, mas acesso não autorizado era um crime mesmo assim. Eu já era um criminoso por posse de papel ilegal, cuja prova estava no meu quarto.

— Que se dane — murmurei enquanto invadia a base de dados. Inseri o nome de <deletado>, mas hesitei antes de dar o "ok". O "ok" podia quebrar a realidade. E foi o que aconteceu: não existia mais nenhum registro sequer da existência de <deletado>.

Pelota se esfregou na minha perna. Ele finalmente tinha voltado.

(Como se eu fosse me esquecer do meu gato. Hum, espera aí...)

<pular>

— Pulei o almoço hoje e são quase sete da noite — disse Beatriz.

Esfreguei os olhos.

— Estou pensando em ficar um pouco mais. Não estou conseguindo descobrir um jeito ótimo de checar em tempo real a extração de dados entre plataformas diversas.

— Pra quê? Vai ganhar hora extra?

— Não existe hora extra...

Ela cruzou os braços.

— Ah.

— Tem um restaurante novo na velha Avenida Paulista, que tal? Curte massa? — Ela se alongou como se fosse correr na rua.

— Claro, mas...

— Você tem que viver um pouco. — Ela levantou o meu queixo, do mesmo jeito que os galãs de cinema faziam no século XX com as mocinhas. Seus olhos castanhos encontraram os meus. — Senão, de que adianta tudo isso?

Nós caminhamos até o restaurante pra aproveitar a noite estranhamente fria. Ou melhor, enquanto ela aproveitava o exercício, meus pulmões se movimentavam com a desenvoltura muscular de um fumante idoso. Quando chegamos à porta do lugar, minha camisa estava grudada nas costas.

A comida era ótima e o lugar, horrível. As paredes eram de concreto cinza e as luminárias industriais zuniam ininterruptamente.

Ela riu e disse:

— Se eu quisesse algo bonito, teria ido num museu.

Beatriz matou dois pratos de espaguete al sugo. Ela não quis dividir, então pedi uns polpetones.

— Mais vinho? — Ela esvaziou a garrafa nas taças.

— Beatriz...

— Me chama de Bê. Não precisa ser tão certinho.

— Desculpa.

— Não se desculpe.

— Desculpa. Ops. Estou meio bebo.

Ela riu, quase ejetando vinho pelo nariz. Eu também.

Bê pagou a conta. — Deixa comigo, eu te convidei.

Sáimos a pé, de novo. O asfalto molhado, o diesel queimado e as cebolas fritas carameladas cheiravam a promessas e sonhos partidos enquadrados pelas novas torres de vidro negro e as ruínas ao longo da larga avenida. O mundo de baixo se misturou ao céu avermelhado sem estrelas perfurado apenas pela lua.

Nossas mãos se roçaram uma vez ou outra.

— Você pensa às vezes nas pessoas que existiram antes de nós, naquelas que levaram as bombas A bem na fuça? — Bê perguntou quando nos aproximamos do obelisco, o Monumento para o Soldado Desconhecido.

— Não.

Ela levantou a sobancelha.



— Quer dizer, eu li artigos sobre as pessoas no epicentro que desapareceram instantaneamente quando as bombas caíram. Parece que só deixaram as sombras para trás — eu disse.

— Às vezes eu me sinto uma sombra — ela sussurrou.

— Também encontrei artigos refutando essa questão das sombras...

— Cala a boca.

Ela me beijou, com língua e tudo, o melhor beijo de todo o universo. O coração dela bateu com o meu como dois tambores num mundo de espelhos e sombras.

Então demos as mãos, com os dedos entrelaçados, e reverberamos devagarinho sob a difusa luz da lua.

(Eu vi uma lágrima? Ai, calma!)

<pular>

Continua...



# Pé de Coelho

por Eric Novello

Diana é uma jornalista carioca. Enquanto investiga as atividades do Alquimista, líder de uma organização criminosa em São Paulo, recebe o contato de um dos seguidores do mafioso, que diz ter informações valiosas sobre o passado de seu pai. Sozinha com ele em um quarto, sem saber se caiu em uma arapuca, ela descobre que o submundo paulistano é ainda mais assustador do que parece. O conto é parte das novas histórias passadas no universo do livro *Neon Azul*.



## Autoria

### ERIC NOVELLO

Eric Novello queria ser o Charada quando pequeno, mas teve que se contentar em ser ele mesmo. É autor dos livros *Ninguém Nasce Herói*, *Exorcismos*, *Amores e Uma Dose de Blues* e *Neon Azul*. Além de tradutor, cultiva cactos e suculentas, coleciona bonequinhos e passa suas horas livres passeando pelos mundos imaginários de livros, filmes, jogos e séries de TV.

[www.ericnovello.com.br](http://www.ericnovello.com.br)

Twitter [@eric\\_novello](https://twitter.com/eric_novello)

Instagram [@eric\\_novello](https://www.instagram.com/eric_novello)

## Edição

### JANA BIANCHI

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista e co-host do podcast *Curta Ficção*, co-host do podcast *Desafio Ex Machina* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto “*Analogia*” (*Revista Trasgo* #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi) e na newsletter que pode ser assinada em [www.galeriacreta.com.br/beco](http://www.galeriacreta.com.br/beco).



## Ilustrações

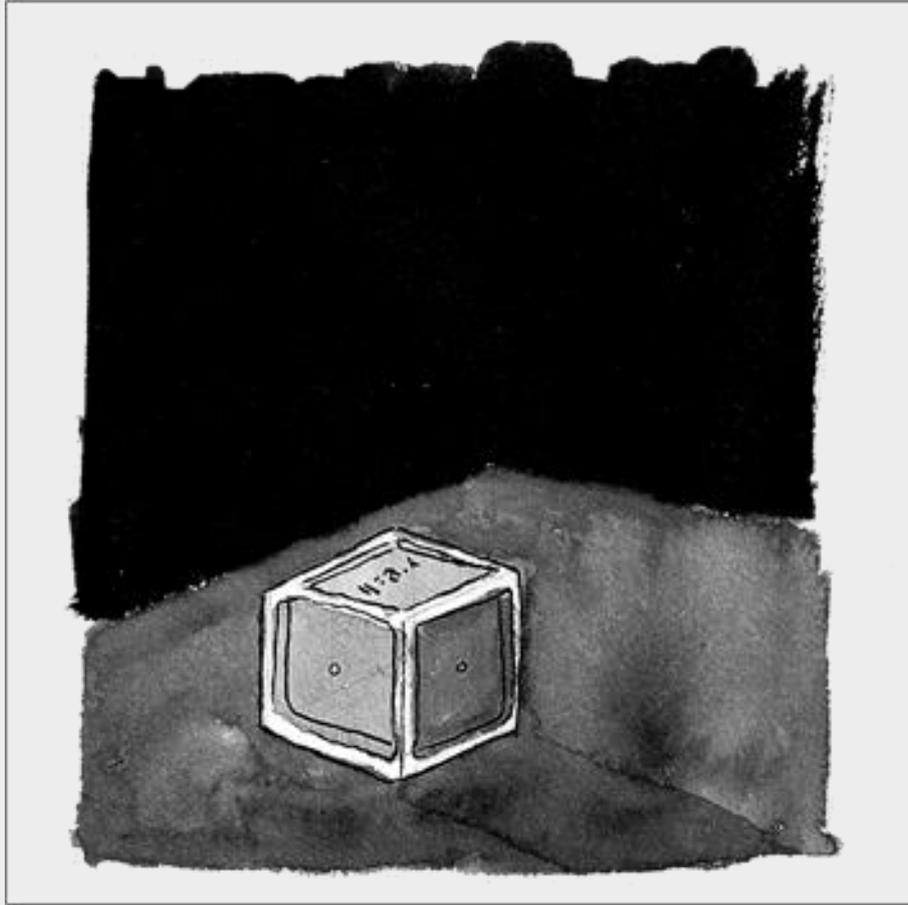
### BRUNO MÜLLER

Bruno Müller costuma se apresentar como designer, mas na maior parte do tempo é arte-educador. Vive perdido em meio a mapas de lugares que não existem, seja explorando ou rabiscando novos caminhos. Tem os contos “Do Lado de Lá” e “O Casarão” publicados nas antologias *Dimensões.BR* (2009) e *Tratado Secreto de Magia* (2010) pela Andross. Entre desenhar e escrever, prefere fazer os dois juntos, e ultimamente anda tentando casar mitologias nativas e folclore brasileiro em cenários de RPG mirabolantes. Geralmente pode ser encontrado em [behance.net/brunomuller](https://www.behance.net/brunomuller), quase nunca no Twitter [@brnmuller](https://twitter.com/brnmuller) ou muito provavelmente na seção 398.2 da biblioteca mais próxima.



# Pé de Coelho

## PARTE 2



Não era a primeira vez que Diana ficava a sós com um criminoso. Sua vida de jornalista investigativa a havia levado a situações delicadas no Rio de Janeiro. Conhecia informantes, policiais, chefões do tráfico. Estivera com eles nos mais diferentes lugares — recuos de túneis, coberturas no Leblon, casarões no alto de favelas. Construíra para si uma respeitabilidade que a vinha protegendo por enquanto. Mas como alertara Arthur, o jogo em São Paulo era outro; e Diana não pretendia bobear.

“Por que não tira a máscara simplesmente?”, ela perguntou.

“Não sei o que ouviu a nosso respeito, mas a onisciência do Alquimista vai além da tecnologia. Somos uma só mente, um só corpo. Já tive provas disso. E tenho marcas para me lembrar de ser prudente. A máscara não passa de uma forma de atestarmos para ele e para os outros bonecos que renegamos às nossas antigas identidades em nome de um poder maior.”

Diana achou a explicação curiosa, levemente diferente do que havia levantado. Talvez as histórias estivessem ficando mais elaboradas para despistar a polícia, confundir a concorrência. Ou o seu contato não fosse uma pessoa completamente sã. Se é que seria possível encontrar alguém sã entre seguidores de um criminoso que usavam máscaras de coelho.

“É uma coincidência e tanto, não acha? Justo quando eu começo a estudar o currículo exemplar do seu chefe, ele resolver entrar em contato comigo.”

“É assim que funciona, não é? Nós só os encontramos quando eles querem ser encontrados. Mesmo que a convivência nos faça acreditar no contrário.”

Diana concordou em pensamento. Desde que começara a investigar o passado do pai, passara a conviver com pessoas que ditavam o rumo dos acontecimentos no Rio de Janeiro com seus jogos pessoais de poder. A cada um deles que conhecia, crescia a tentação de se sentir parte de algo

maior, de acreditar que não havia um preço alto a pagar pelas informações que conseguia. Mas o coelho estava certo. Tudo dependia da vontade deles e de mais ninguém.

“E sabe por que ele me convidou para a festa?”

“Como ele pediu que eu dissesse ao telefone, pelo prazer de sua companhia.”

Modulador nenhum ocultaria a ironia naquela voz. Diana controlou a irritação sem se alterar. Nem respirar fundo, respirou. Conviver com políticos e pessoas inescrupulosas ajudava uma jornalista a desenvolver certas habilidades. Lidaria com as intenções por trás do convite do Alquimista mais tarde. Por enquanto, se concentraria no motivo do encontro às escondidas com o seu contato.

Jorge, seu pai, tocava em bares e casas noturnas do Rio de Janeiro. Às vezes se apresentava com outros artistas, às vezes com sua banda. Gostava de instrumentos de sopro, e tinha feito do sax sua marca registrada. Diana parava o que quer que estivesse fazendo para ouvi-lo tocar. Já Paulo era habilidoso com instrumentos de corda, o violino do grupo. Rafaela tocava de tudo um pouco. Tirava do flautim o choro dos anjos, e ainda arrebetava no cavaquinho. Dependendo da apresentação, Marquinho usava um instrumento que parecia um pequeno teclado, que precisava ser assoprado para emitir som, do qual Diana sempre esquecia o nome. Mas ele gostava mesmo era de brincar com o pandeiro.

Músicos ocasionais iam e vinham, mas era esse o núcleo principal. As pessoas que Diana lembrava de ver em sua casa, espalhadas pelo sofá, entre risadas, ensaios e discussões pontuais. Convivera com os filhos delas em festinhas na infância, seus nomes e rostos nublados pelos anos sem contato.

Os quatro músicos haviam viajado para São Paulo para se apresentarem juntos em uma das festas do Alquimista. Ele ainda respondia pelo nome que o deixara famoso, Mario Coelho, e ninguém sonhava com as denúncias que denegriam sua imagem.

Aquela foi a última viagem antes da morte de Jorge no mar.

Mais de dez anos haviam se passado. Diana trabalhava agora para um grande jornal carioca, e sua vida havia tomado um novo rumo, para dizer o mínimo. Em sua investigação recente sobre a banda, descobriu que Rafaela tinha se mudado para São Paulo sem deixar endereço com nenhum dos antigos amigos. Paulo, infelizmente, havia morrido de um problema repentino de saúde. E Marquinho dissera que a apresentação para Mario Coelho tinha sido uma noite de trabalho cansativa e proveitosa, sem qualquer contato com o empresário além de alguma bajulação e apertos de mão. Mas como confiar numa memória cada vez mais falha por conta da bebida?

Quatro pessoas em uma apresentação.

Duas mortas, uma desaparecida e uma que nos piores dias não conseguia pronunciar o próprio nome. Aquilo não podia ser coincidência.

“Se quer saber a minha opinião, esse papo de Lorde Coelho onisciente é conversa para boi dormir. Uma história criada para assustar criminosos de outras famílias. Se quisesse tirar essa máscara, você tiraria, revelaria seu rosto. Mas entendo que queira preservar sua identidade. E agradeço que tenha se comunicado comigo com tanto sigilo. Como disse em suas mensagens, você sabe o que eu quero, sabe por que vim até aqui, então por que não me conta logo o que sabe sobre o meu pai?”, Diana perguntou de uma vez.

“Falta você saber o que eu quero em troca. Não é assim que funciona?”

Diana o encarou com atenção, depois olhou para o cronômetro, colocou a cabeça para pensar. Haveria um motivo para ele prendê-la ali por mais de quinze minutos? Estaria esperando alguém chegar? Se fosse o caso, nem precisaria ter vindo. Será que estava armando pelas costas do Alquimista para provar o seu valor ao mostrar para ele que ela não era de confiança? Improvável. Acabaria se dando mal junto com ela. Talvez fosse apenas irritante. Um capanga acostumado a receber ordens aproveitando a sensação momentânea de poder. Conhecia um bocado de gente assim.

“Eu sou toda ouvidos.”

“Que tal me dizer no que está pensando? Uma jornalista investigativa deve ser boa de deduções.”

Havia uma armadilha em algum lugar ali, quem sabe um teste. Mas para poder entender o que era, Diana precisava que o coelho se expusesse mais. Sendo assim, falou o que lhe veio em mente: “Você quer uma saída. Por isso me pediu para vir com um carro emprestado. Assim, podemos voltar para o Rio de Janeiro juntos, sem que o Alquimista descubra o seu paradeiro depois de



deixarmos a cidade. O importante não era a maneira como eu viria para São Paulo, mas sim como você iria embora.”

A máscara inexpressiva do coelho não ofereceu resposta. Não havia som de respiração, movimentos de cabeça, pernas e braços. Ele parecia um boneco imóvel, esquecido na cama por algum ocupante antigo da pousada com fetiches macabros.

“Oi? Tem alguém aí?”, Diana perguntou, atenta ao tempo cada vez menor no cronômetro.

O coelho estalou o pescoço para um lado, depois para o outro, num ângulo que desafiava limites humanos.

“São duas coisas diferentes, não?”, ele falou. “Eu ir embora daqui com o carro que você me trouxe, e fazer o mesmo na sua companhia.” O coelho levou os dedos às orelhas, deslizando-os para cima pelas lâminas enquanto alongava os braços. “É verdade o que dizem a seu respeito? Você é mesmo capaz de ver os mortos?”

Diana resistiu ao ímpeto de se afastar. Aguardou em silêncio. Não podia prever como aquela noite acabaria, mas torcia para que seu reflexo e o par de socos ingleses em seus bolsos dessem conta do problema.

## Continua...



# Encantadores de Dragão

por Rodrigo van Kampen

Vivendo num mundo em que, além de estar eternamente submissa a uma elite poderosa, a vida é constantemente ameaçada por enormes feras vorazes e cuspidoras de chamas, qualquer mudança pode ser um privilégio. Mayara é uma menina sobrevivendo nesta realidade tão ameaçadora quando surge a oportunidade de se tornar aprendiz de um mago poderoso, capaz até mesmo de domar as grandes feras dracônicas. Mas o que poderia ser uma oportunidade de ascensão e liberdade se revela algo muito mais sinistro. Poderá Mayara sobreviver e salvar consigo Lúcio? E qual será o papel de Berg, a gnoma, nesta torre misteriosa?



## Autoria

### RODRIGO VAN KAMPEN

Rodrigo van Kampen é escritor, editor da *Revista Trago*, redator publicitário e tem uma moto acumulando pó desde que virou pai. É autor da novela *Trabalho Honesto* e já publicou em coletâneas da Aquário, Draco e em publicações independentes. Mora em Campinas com sua esposa, filha e uma vira-lata, escreve em [viverdaescrita.com.br](http://viverdaescrita.com.br) e pode ser encontrado no Twitter como [@rodrigovk](https://twitter.com/rodrigovk).

[www.fb.com/rodrigovk](http://www.fb.com/rodrigovk)

[www.rodrigovankampen.com.br](http://www.rodrigovankampen.com.br)

[www.viverdaescrita.com.br](http://www.viverdaescrita.com.br)

## Edição

### JOÃO PEDRO LIMA

Escritor, roteirista e editor, seus maiores interesses e produção estão na fantasia urbana, literatura policial, literatura absurda/de humor escalafobético e literatura infantil/juvenil.

Atualmente se concentra em produzir eventos literários como as oficinas e palestras ligadas ao NaNoBrasil, escrever seu romance sobre magos e burocracia na agrídocidade de São Paulo, e em escrever e editar textos para o *Tempos Fantásticos*.

[www.fb.com/joaopedro.limagoncalves](http://www.fb.com/joaopedro.limagoncalves)

Twitter [@jplimag](https://twitter.com/jplimag)

[www.medium.com/@joaopedro.lgoncalves](http://www.medium.com/@joaopedro.lgoncalves)

[www.temposfantasticos.com](http://www.temposfantasticos.com)

[joaopedro.lgoncalves@gmail.com](mailto:joaopedro.lgoncalves@gmail.com)



## Ilustrações

### JÂNIO GARCIA

Jânio Garcia trabalha como ilustrador e professor de arte digital em Campinas, interior de São Paulo. Suas fontes de inspiração são mitologia, folclore nacional, teologia, pintura clássica e cultura popular cinematográfica e literária. É amante de café, livros, séries e podcasts. Para saber mais sobre ele, entre em contato através dos links abaixo ou dê três descargas e chame seu nome três vezes.

[www.janiogarcia.artstation.com/](http://www.janiogarcia.artstation.com/)

[www.fb.com/janiogarciaart/](http://www.fb.com/janiogarciaart/)

Instagram [@garcia\\_janio](https://www.instagram.com/garcia_janio)



# Encantadores de Dragão

## PARTE 2



— Por que tão cedo? — perguntou Lúcio, esfregando os olhos.  
— Porque essas coisas têm horário — respondeu Hugo, quase sem olhar para o menino. Estávamos pela primeira vez naquela sala, uma das mais altas da torre. Cheguei perto do parapeito da janela, distraída pelo céu estrelado. Olhei para baixo. Durante o dia seria possível ver todo o reino. Ao longe havia um pequeno ponto de luz, provavelmente Pinus. A neve recém caída tornava a volta da torre mais clara, mas só até a floresta, onde a escuridão tomava conta.

— Ei, ei, pra que isso? — Lúcio reclamou. Virei-me e vi Berg prendendo Lúcio em uma cama de madeira com tiras de couro. Hugo ignorou a pergunta até que meu amigo começou a gritar. Eu estava assustada, sem saber como agir.

— É para o seu próprio bem! — resmungou o mago. — Ou você pode querer se jogar da janela. Já chega, quieto! — Lúcio foi calado por um tapa ardido. Eu podia ver um misto de raiva e medo em seus olhos, e chegou a minha vez. Deitei-me em outra cama de madeira, obediente e amedrontada.

Berg acenou com a cabeça, mas não encarou meu olhar. Ela sabia o que aconteceria e que não seria boa coisa. Eu era prisioneira mesmo, afinal. Já havia aprendido do jeito mais difícil que eu não era mais forte ou esperta que Berg, e me deixei amarrar. A gnomo olhou uma última vez para mim, da porta. Balançou a cabeça e saiu do quarto.

Hugo também nos deixou sozinhos ali, amarrados.

— Mayara, tô com medo. — Lúcio tinha a mesma idade que eu, mas parecia mais novo. Ele me olhava com a expressão chorosa e uma grande marca vermelha no rosto.

— Calma. Eu não sei o que vai acontecer. Mas sei que ele precisa da gente por um ano e depois seremos criados do Lorde Rochedo. Então não vai acontecer nada de ruim.



— Mas e se for mentira? E se ele mata as crianças aqui na torre?

Cogitei a hipótese. Ninguém sabia o que Hugo fazia ali. O encantador de dragão mantinha as bestas longe do reino, isso era o suficiente para Rochedo. Ninguém precisava saber como.

— Bonilha — eu disse. — Bonilha veio para esta torre, e nós a vimos na comitiva de Lorde Rochedo no ano passado.

— É verdade... Mas ela estava... Não sei, ela estava tão estranha...

— Só porque o Lorde não deixou ninguém chegar perto dela e você queria perguntar como era a vida na torre.

Lúcio ficou quieto até ouvirmos passos subindo as escadas. Hugo voltou carregando um grande apetrecho coberto por um pano negro. Ele vestia luvas pretas e pesadas e tomava bastante cuidado ao colocá-lo devagar sobre a mesa. Quando removeu o pano, reconheci o orbe oval do porão.

— Eu não vou mentir para vocês, crianças. A experiência não vai ser muito agradável para nenhum de nós. Este é um ritual antigo e poderoso. — Ele respirou fundo e deixou um sorriso escapar. — Vou precisar da ajuda de vocês. Vamos encantar um dragão?

Tentei me ajeitar naquela cama de madeira, mas nenhuma posição era confortável.

Hugo estava em pé, de frente para nós, o orbe em sua frente apoiado no suporte. Ele começou a recitar um mantra baixinho, repetindo os fonemas numa cadência ritmada e lenta. Eu não entendia as palavras, mas podia sentir o ar vibrar de um jeito estranho.

Eu me sentia cada vez mais pesada, o corpo enrijecendo enquanto um cansaço me dominava. Minha mente ia ficando confusa e lenta, logo eu não conseguia mais entender o que estava acontecendo ou há quanto tempo. Eu estava exausta, e o cansaço bloqueava o sono, deixando-me perdida em um estado de torpor.

As palavras foram ficando mais altas. Ocupavam todo o meu ser, entravam pelos ouvidos, faziam casa em minha memória e não havia mais torre, amarras ou mesa, somente palavras poderosas e antigas.

Um olho enorme me examinava a centímetros do meu rosto. Entrei em pânico: havia um dragão na sala! Senti muita raiva acumulada naquele olhar que me queimava de dentro para fora. Eu tentava me arrastar para longe dele, mas já estava perto demais da cratera do vulcão, sobre a ponta dos pés. Gritei por Hugo, Lúcio, gritei pela minha mãe e meu pai, mas o dragão havia matado todos. Só faltava eu.

Ele sorria, gargalhava cruel à minha frente, avançando a passos lentos, até que abriu a bocarra, eu podia ver o fogo partindo de suas entranhas e explodindo em uma esfera incendiária que derretia minha pele enquanto me empurrava para o mar de lava onde eu caía, caía, caía, a fera me olhando com prazer em meus segundos finais.

Acordei desesperada, tentando apagar as chamas do meu corpo, até perceber que não havia fogo. Não havia mais ritual, apenas febre. Eu estava em meu quarto de pedra, sozinha, embaixo de três camadas de cobertas. Meu corpo todo doía como se eu tivesse sido atropelada por um carro de boi. Tentei me levantar, mas fui tomada por uma forte dor de cabeça e tontura que me jogou de volta para a cama por mais algumas horas.

\*

Hugo Sagistein, o encantador de dragão. Ele apareceu pela primeira vez na vila pouco depois do último ataque, montado a cavalo, pouca bagagem. Ele fazia perguntas no armazém sobre a besta, mas não tantas perguntas quanto nós, crianças, que corríamos atrás de suas botas pesadas.

Nos primeiros dias o povo o tomou por um simples caçador de dragões. Muitos tentavam a sorte em busca de riqueza e glórias. Poucos, mais sábios, retornavam exaustos sem encontrar seu destino. Os que encontravam... Bem, desses nunca mais ouvíamos falar. Não que fosse impossível matá-los — uma campanha de Lorde Rochedo havia dado cabo de dois deles — mas era preciso um grande exército, com catapultas e bestas gigantes.

Reservado, não falava muito, não se metia no dia a dia da vila e pagava em moedas, então foi deixado em paz, comendo de nossa carne e bebendo de nossa cerveja. Digo, deixado em paz pelos adultos, as crianças pediam histórias e mais histórias: se já havia visto um dragão, quantos tinha matado, por onde viajara. O visitante apenas sorria e respondia com meias palavras, ciente dos ouvidos espichados dos adultos próximos. Então era a vez das crianças contarem suas histórias de



dragões, e nos atropelávamos contando-as com uma inocência infantil, brigando para ver quem aumentava mais a história.

Isso mudou no dia em que Lorde Rochedo em pessoa foi até a vila. O clérigo Jorge passou correndo avisando da vinda do senhor, algo raro naquelas bandas isoladas, e homens e mulheres correram para lavar os rostos. Eu mesma, com sete anos, nunca o tinha visto.

Fiquei decepcionada. Imaginava um grande senhor, de armadura brilhante e forte, mas Lorde Rochedo nem de armadura estava. Era um velho de manto roxo, que usava só um peitoral de couro. Quando desmontou, era até mais baixo que o clérigo de mãos trêmulas que o recepcionava.

Ficou decidido então que Sir Sagistein escolheria duas crianças de doze anos para auxiliá-lo em suas tarefas. E a cada ano, quando o mago aparecia, as crianças corriam para se aprumar. Todo mundo queria ser escolhido.

O encantador de dragões olhava para cada uma de nós, pedia para que abrissemos a boca para ver nossos dentes. Recusei. Ele parou à minha frente com uma expressão curiosa.

— Abra a boca, vamos!

— Eu não sou um cavalo.

A população da vila murmurou incrédula, e tenho certeza que minha mãe me daria um belo tapa se estivesse mais próxima. Sir Sagistein sorriu.

— Eu me lembro de você. Desde que cheguei me fazendo perguntas. Você cresceu, menina.

Virei o rosto. As outras meninas tinham comportamento exemplar, elas queriam muito ser escolhidas. Eu negava, dizia que queria ficar na vila. Melhor escolher não ir do que ser rejeitada pelo mago. Sir Sagistein ajoelhou-se e olhou para mim, nossos rostos à mesma altura. Eu tentava desviar o olhar, mas havia algo naqueles olhos escuros, onde mal se via a pupila: poder.

— Já escolhi a menina! — ele anunciou para a vila em voz alta, antes mesmo de olhar as próximas. As outras garotas à minha volta tinham reações variadas: algumas choravam desconsoladas, outras me davam parabéns entre dentes cerrados. Eu estava em choque.

Enquanto ele se virava à fila de meninos para escolher um deles, minha mãe exibia um sorriso aberto de orgulho. Seguir com Sir Sagistein era a fortuna, um passe para fora daquela vida miserável.

Em meia hora todas as minhas poucas coisas estavam numa sacola amarrada no lombo de um cavalo. Sir Sagistein ia montado à frente, em ritmo tranquilo, eu e Lúcio íamos em duas éguas mansas.

Enquanto eu olhava para trás, lembrei-me do último ataque do dragão. O lugar havia crescido nos últimos quatro anos, e várias mulheres tinham bebês em seus colos quando acenavam em despedida.

Eu sabia que nunca mais os veria, mas engolia o choro. Lúcio tinha um sorriso enorme de expectativas. Nós partíamos para uma grande aventura.

— Vocês dois, podem me chamar de Hugo a partir de hoje — disse Sir Sagistein, desmontando pouco após o pôr do sol. — É melhor descansarem, a viagem será longa.

## Continua...



# Eterna: A Cidade Perdida

por Roberto Causo

Uma cidade perdida, de tecnologia superior, protegida sob um manto de invisibilidade no coração do Brasil Central. Um casal que escapou do cárcere privado imposto pelo arrogante pirata dos ares

Albert Robida busca refúgio na cidade Eterna, erigida por atlantes que instalaram incógnitos nas selvas brasileiras. Mas os jovens heróis, Ulisses Brasileiro, um ex-capitão do Exército Imperial, e a filha de uma aristocrata atlante chamada Larsinia, descobrem que as divisões políticas da cidade

Eterna impedem que eles encontrem ali um porto seguro. Segundo episódio das Aventuras de Ulisses Brasileiro (iniciadas na pioneira antologia *Steampunk*, de 2009), “Eterna: A Cidade Perdida” é uma novela repleta de ação aérea, maravilhas tecnológicas, intrigas palacianas e uma feroz luta de artes marciais mistas...



## Autoria e Ilustrações ROBERTO CAUSO

Roberto Causo é autor dos livros de contos *A Dança das Sombras* (1999), *A Sombra dos Homens* (2004) e *Shiroma, Matadora Ciborgue* (2015), e dos romances *A Corrida do Rinoceronte* (2006), *Anjo de Dor* (2009) e *Mistério de Deus* (2017), além do estudo *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* (2003), que recebeu o Prêmio da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. *O Par: Uma Novela Amazônica* ganhou o 11.º Projeto Nascente, da USP e do Grupo Abril. A *space opera Glória Sombria* (2013), foi um dos indicados para o Prêmio Argos 2014 na categoria Melhor Romance, do Clube de Leitores de Ficção Científica. Tem histórias publicadas em 11 países, incluindo França, Cuba, Portugal e China. *Site* dedicado ao Universo GalAxis (ficção científica), e *blog* do autor:

[www.universogalaxis.com.br](http://www.universogalaxis.com.br)

[www.facebook.com/roberto.desousacauso](https://www.facebook.com/roberto.desousacauso) | [www.facebook.com/causo.misterio.de.deus](https://www.facebook.com/causo.misterio.de.deus)

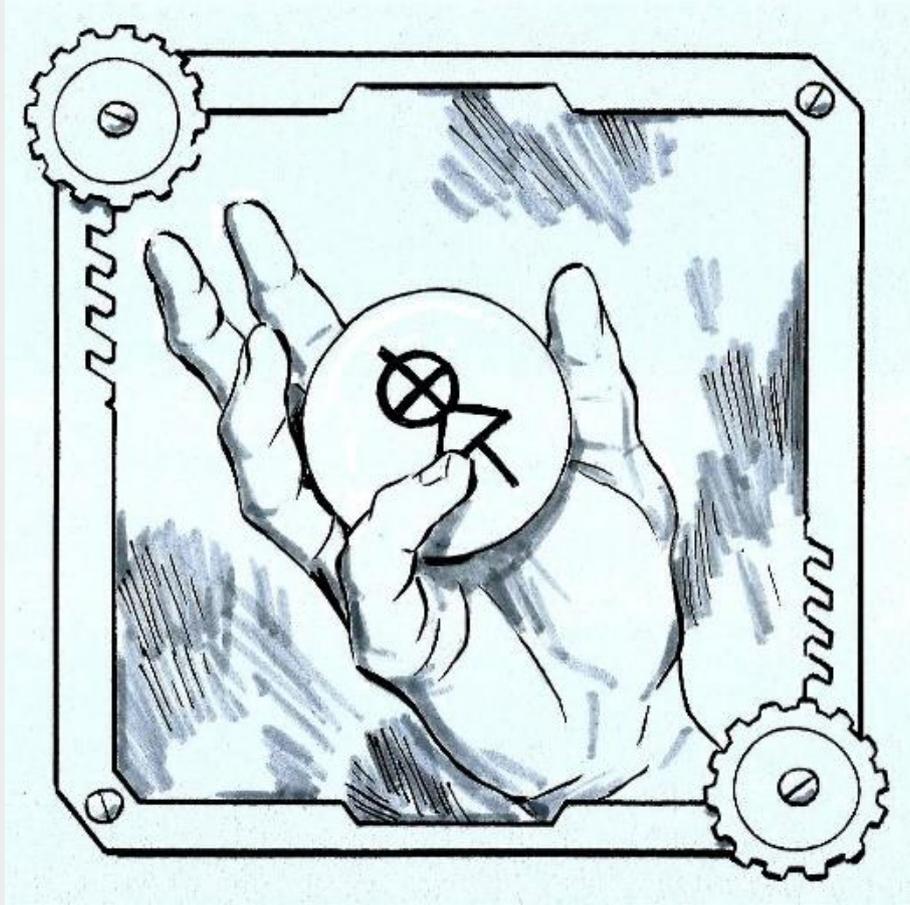
## Edição SANTIAGO SANTOS

Santiago Santos é escritor, tradutor, tereréficionado e jornalista. Publica drops literários radioativos no [Flash Fiction](http://FlashFiction) e publicou seu primeiro livro em 2016, uma coletânea pé na estrada que mergulha na mitologia dos incas, [Na Eternidade Sempre é Domingo](http://NaEternidadeSempreéDomingo). Pode ser encontrado no Twitter [@flashfictionbr](https://twitter.com/flashfictionbr) e no [Facebook](https://www.facebook.com/flashfictionbr).



# Eterna: A Cidade Perdida

## PARTE 2



### IV. ATAQUE NO AR

**B**ierce devia saber o que dizia. Era prisioneiro em Eterna há cerca de três meses, e caminhava por suas ruas sem ser incomodado, como se fosse mero hóspede. Cumprimentava os habitantes da cidade com um toque no chapéu de feltro, especialmente as mulheres. Seu olhar arguto pousava brevemente nos bustos expostos.

— Meu Deus! — exclamou, perante um par particularmente portentoso. — Este lugar é um suplício para um velho viúvo como eu. Se bem que já estava separado de Mollie desde oitenta e oito... — Um grupo de mulheres de seios expostos o fez interromper-se novamente. — Tenho hoje sessenta e seis anos... mas não estou morto!

Ulisses limitou-se a sorrir. Pensava em Larsinie.

— Você disse — Bierce lembrou — que este povo seria descendente de refugiados do mitológico desastre de Atlântida.

— Sim. É nisso que Robida acredita, e a hipótese foi confirmada pela jovem com quem fugi do *Le pilote fantôme*.

— Já ouviu falar de um explorador inglês chamado Arthur Evans, meu rapaz? — perguntou o jornalista.

— Não, senhor.

— Evans desencavou os restos de uma civilização muito antiga na Ilha de Creta, no Mar Mediterrâneo. Ou no Egeu. Ele chamou sua descoberta de “civilização minoica”, que teria existido alguns milhares de anos antes de Cristo. As escavações em Creta foram encerradas há três anos, mas nelas Evans descobriu afrescos, cerâmica e estatuetas em grande número, representando mulheres que vestiam roupas muito semelhantes a estas. Vestidos longos e coloridos, de saia até o



tornozelo, mangas curtas, cintura estreita e o busto à mostra. Na maioria das representações apareciam descalças, também como as mulheres daqui.

Poupando o fôlego, os dois desceram as escadarias de basalto e os terraços até chegarem ao nível do chão sem pavimento. Bierce fez uma pausa para apontar discretamente um grupo de rapazes e moças. Eram jovens, e retornavam tagarelando e rindo do trabalho nos campos. Ambos os sexos vestiam apenas panos nas cinturas.

— Espantoso! — Bierce exclamou. Ele suspirou, antes de prosseguir em francês: — Aparentemente o esporte nacional da civilização descoberta por Evans era saltar por cima de touros enormes, tanto homens e mulheres, apenas com suas cinturas cobertas.

“Em minha correspondência com o explorador no ano passado, ele me contou que um jovem arqueólogo irlandês chamado K. T. Frost, da Queen’s University em Belfast, tinha-lhe escrito para discutir a teoria de que a Atlântida existiu a leste do Estreito de Gibraltar, e não a oeste, como Platão descreveu. Creta seria a candidata de Frost. Perto dela, uma ilha vulcânica chamada Santorinas explodiu em 1500 antes de Cristo. Dizem que essa explosão foi maior do que a de Krakatoa, em 1883. As ondas resultantes teriam destruído Creta e os principais domínios da civilização minoica.

“Acha que é isso, rapaz? Estas pessoas escaparam de Creta quando a água do mar varreu a ilha, e vieram fundar uma colônia aqui, no coração do Brasil? Isso teria acontecido há quase dois mil anos, o que significa que os antepassados do povo da Cidade Eterna teriam tido bastante tempo para evoluir nesta terra, sem conflitos com os indígenas e sem as infindáveis guerras na Europa, e criar a avançada tecnologia que exibem aqui.”

— Faz sentido — Ulisses concedeu, perdido em pensamentos. — Mas a ligação com esse povo antigo não leva obrigatoriamente à conclusão de que seu avanço seja resultado do tempo passado aqui, após a hecatombe.

“Robida parece acreditar que os atlantes não seriam oriundos do nosso mundo. Teriam então trazido com eles do seu planeta natal a técnica superior. O que vemos aqui em Eterna não seria o resultado de um avanço em relação ao passado, mas ao contrário, uma involução dos seus meios técnicos. Uma *degeneração*, como Robida colocou.

“Por outro lado, este povo se esmera em estratégias para se infiltrar entre as raças humanas e espioná-las. Talvez não fosse diferente naquela época, milhares de anos atrás.”

— O que quer dizer?

— Que essa “civilização minoica” podia bem ser apenas uma face do império atlante de então — Ulisses supôs, dirigindo uma olhadela às pessoas ao redor. — Um *disfarce*, um posto avançado do qual se exigia que comercializasse e confraternizasse com as outras raças, para o mesmo fim de se infiltrar entre nós e talvez nos empurrar aqui e ali, na direção desejada.

— Hum! Se o desejo era nos tornar menos belicosos e mesquinhos, os atlantes fracassaram completamente — Bierce disse, dando vazão ao seu lado cínico.

— Ou foram distraídos em seu intento pela catástrofe que se abateu sobre eles.

Bierce conduziu o ex-capitão para junto de um veículo aéreo, pousado no sopé da cidade. Era uma plataforma elegante e aberta, com uma proa afilada. Um autômato aguardava ali, imóvel, a tiquetaquear. Ao lado dele, uma mulher de longos cabelos crespos sacava algo de uma bolsa de couro. Teria talvez quarenta anos de ótima forma física, olhos escuros amendoados, pele acaramelada e mamilos negros e luzidios de africana. Ela apanhou e vestiu um capuz de tecido grosso que lhe cobriu a cabeça, deixando apenas o rosto de fora. O capuz tinha um prolongamento: uma aba vazada no centro, que cobria o busto generoso. Ela sorriu para eles, e Bierce tirou o chapéu.

— Pergunte à senhora, meu rapaz, se podemos por obséquio partilhar do seu passeio aéreo nesta tarde — pediu a Ulisses. E diante da hesitação dele: — Ela já me transportou várias vezes, não se aflija. Tem sido muito generosa com este hóspede-prisioneiro.

— Meu nome é Dousana — disse a aeronauta, em bom português. — Podem subir. Faremos um breve sobrevoo até a Borda Circular.

— Não teme que tentemos assumir o controle do aparelho para fugir com ele, senhora Dousana? — Ulisses perguntou, depois que embarcaram.

A mulher riu.

— O autômato será o piloto, e não há como coagi-lo a ceder o comando sem minha ordem. Ademais, em Eterna existem salas cheias de operadores que controlam todos os voos. E que enviam veículos interceptadores, se necessário.



Ulisses contou a Bierce o que ela dizia, e os dois se acomodaram, munidos de redobrada resignação.

— Espantoso — disse o ianque, para Ulisses. — Um autômato piloto... Em meu conto de noventa e nove, “Moxon’s Master”<sup>1</sup>, eu postulo um autômato inteligente. Minha criação ficcional assemelhava-se no porte a um gorila, e não a este elegante olimpiano que nos conduzirá pelos céus, e limitava-se a jogar xadrez e a matar seu mestre num aparente ataque de cólera. Eu nunca poderia imaginar que um dia estaria diante de uma máquina de tamanha desenvoltura, resultado de uma engenhosidade de tamanha magnitude.

O autômato dourado foi o último a embarcar.

\*

O aparelho ascendeu sem o menor ruído. Uma lufada brincalhona soprou o chapéu da cabeça de Bierce, que o apanhou no ar com ótimos reflexos. A lancha aérea girou lentamente no seu eixo e embicou na direção da torre. Ulisses sentiu um golpe no estômago, mas controlou a vertigem. Seus ouvidos estalaram. Já estavam a mais de cinquenta metros de altura e o vento abafava o tique-taque do autômato nos controles.

— Atenção agora, rapaz! — Bierce gritou, para vencer o sopro do vento. Tinha os olhos semicerrados e o vento agitava comicamente os seus bigodes. — Esta é a especialidade desta incomum aeronauta.

A lancha entrou numa espiral acentuada, o nariz na diagonal. Seus tripulantes agarraram-se nos apoios dos assentos. A espiral tinha a magnífica torre como eixo e fornecia uma panorâmica de sua arquitetura. Das janelas, habitantes de Eterna acenavam sorridentes. Ao lado do empalidecido Ulisses, Ambrose Bierce riu como um menino.

— Magnífica mulher de estômago forte! — exclamou em francês o americano. — É claro, quem pilota é o homem de lata aí, mas é ela, estou certo, quem determina o trajeto.

Como que intuindo que falavam dela, Dousana deu-lhes um sorriso de dentes perfeitos por cima do ombro. Tinha óculos de aviador cobrindo-lhe os olhos. O aparelho nivelou-se ao alcançar a altura do topo da construção e partiu célere para as fronteiras da grande cratera. Pela primeira vez, Ulisses viu longas construções com muitas chaminés na orla da planície, que deveriam ser as oficinas de Eterna. Para disfarçar seu nervosismo com as acrobacias, perguntou a Bierce:

— Assumindo que o conforto desse povo com a nudez feminina seja herança daquela gente de Creta, e não em razão do contato com os indígenas dos arredores, o que isso teria significado naqueles tempos?

— Evans supõe que os afrescos e estátuas com as mulheres de busto exposto representem situações rituais — Bierce explicou. — Um culto à fertilidade seria a primeira suposição, eu imagino.

— O que não é o caso aqui, pois a prática é cotidiana. Significaria que a mulher naquela sociedade teria uma posição menos subalterna do que possui na nossa? — perguntou Ulisses, pensando em sua própria deferência a Larsinie. — Uma aceitação maior das qualidades femininas, sem que a mulher precise ser resguardada, afastada das situações públicas?...

Bierce deu de ombros.

— Poderia muito bem ser uma imposição masculina, meu rapaz. Posso ver as vantagens de uma tal situação, especialmente em uma sociedade que seria essencialmente pagã. Os pudores desta gente — apontou para baixo — não são exatamente cristãos. Eu me lembro ainda de uma citação que fiz no meu *The Cynic’s Word Book*:

O Criador, no nascimento da Criação,  
Com coisas viventes proveu o chão.  
Dos elefantes aos morcegos e lesmas,  
Todas boas, pois masculinas eram as mesmas.

Irritado com a resposta, Ulisses desistiu do diálogo. Passou a apreciar a paisagem: regatos e bosques e a colcha de retalhos dos campos cultivados. Aves em formação iam de um banhado a

1 Conto de Bierce publicado em 1899 no jornal *San Francisco Examiner*, e que se presume ser uma das primeiras representações do robô na literatura.



outro, as sombras delicadas tocando a relva ou o solo exposto sob elas. Passava do meio-dia. No alto, nuvens rasgadas também se moviam em grandes grupamentos, sombras acariciando o seio generoso da cratera. Outros veículos aéreos passavam próximos a eles, em geral um pouco mais abaixo, enquanto avançavam. Dousana conferia o traçado do terreno abaixo com as linhas em um mapa que fazia correr sob uma placa de vidro, num dispositivo dotado de um *dial* lateral.

A visão apurada de Ulisses divisou um ponto acima deles. Seu voo era ligeiro e mais errático do que o dos aparelhos ao redor.

O moço endireitou-se no assento. O ponto cresceu. Vinha na direção deles. Ulisses tocou as costas de Dousana e lhe apontou o objeto. A mulher olhou na direção apontada, mas não reagiu. Seu rosto ficou voltado para lá por tempo.

O bastante para Ulisses reconhecer melhor o que via.

— É um homem que voa sozinho, sem um aparelho como este — gritou para a mulher. — E ele tem uma pistola em punho!

\*

O homem voador passou por eles, pouco à ré da aeronave. Torcendo-se no assento, Ulisses viu que ele vestia um traje cinzento, inteiriço, e na cabeça um elmo com uma crista que, à guisa de leme, talvez o auxiliasse no voo. Uma das mãos segurava a pistola de cano longo: decerto uma Luger Marine-Modell 1904 com cano sete polegadas. A mesma arma da equipagem dos homens de Robert Robida no *Le pilote fantôme*. Ulisses tinha certeza absoluta de que este recém-chegado era um agente de Robida — certamente informado por espões do Pirata dos Ares infiltrados em Eterna...

O homem começou uma curva ascendente. Algo em sua cintura faiscou ao sol. Ulisses imaginou que fossem os controles de voo. Numa larga cinta de couro também ia o comprido coldre triangular para a Luger e, atado às costas, um aparato metálico. Lembrou-se que o misterioso material levitador que mantinha as muitas toneladas do *Le pilote fantôme* no ar não excedia o volume de um coco cortado. O dispositivo que estimulava essa mesma substância, permitindo ao pistoleiro movimentar-se livremente no ar, estaria naquela mochila? As manobras não pareciam fáceis: sua trajetória era incerta. O braço com a mão fixa nos controles agitava-se freneticamente.

Ulisses aproveitou essa dificuldade para levantar-se e olhar em torno. Mandíbula apertada, olhos semicerrados contra o vento, buscou nos recessos da aeronave algo que pudesse usar como arma. Lamentou não ter a Mauser com ele — como um homem que cruza um canteiro de brasas vivas lamenta não ter botas nos pés.

Agora o atacante estava acima deles. O tempo se esgotava. Em mais alguns segundos estaria em posição para uma primeira passagem. Ulisses apanhou Dousana pelo braço e colocou-a de pé.

— Fique atrás de mim, me segure pela cintura e me acompanhe! — gritou.

Em seguida, arrancou o perplexo Ambrose Bierce de seu assento e gritou em francês para que ele fizesse o mesmo, tomando a mulher pela cintura.

— O autômato obedece a comandos verbais, Dousana? — Ulisses perguntou.

— Sim! — a mulher gritou. — O que quer que ele faça?

— Ele tem que nos escudar enquanto o atacante gira em torno de nós!

O autômato pilotava o aparelho em pé, num estreitamento da proa. Dousana o fez ficar de costas para os controles. Ulisses, acompanhado dos outros, meteu-se atrás dele. Espiando por trás da máquina, não se esquivou ao ver as chamas estalarem da arma quando o atacante disparou. Nem ao ouvir o projétil ricochetear no peito metálico do autômato. O homem fez uma careta, discernível à distância apesar do capacete. Ulisses deu-se conta de que devia ser muito difícil empunhar e apontar a arma manual em velocidade e fustigado pelo vento — e controlar o voo com a outra mão.

Agora o capanga de Robida tentava reduzir sua velocidade e mudar de curso. Dousana gritou ordens numa língua desconhecida. De pronto o autômato moveu-se: a cabeça girou na direção do homem voador, e então seu tronco. Imediatamente, outro ricochete soou. Cacos dos painéis esqueletizados no peito da máquina caíram aos pés de Ulisses.

— Mais para a esquerda — ele, a cabeça ainda exposta, informou a Dousana. A mulher repassou a instrução ao autômato.

Os três executavam uma estranha dança às costas da máquina.

O atacante ascendeu e tentou atingi-los do alto.



— Ajoelhe-se, Bierce! — Ulisses gritou em francês, enquanto ele mesmo se ajoelhava, arrastando Dousana junto.

— *God damn it!* — gritou o americano.

Desta vez o disparo da Luger atingiu o convés do aparelho. O trio girou com o autômato enquanto o atirador passava acima de suas cabeças. Mais disparos. O pistoleiro não desistiria — e havia muitas munições no tambor. Ulisses olhou desesperadamente em torno. Não havia outros veículos aéreos por perto, ninguém que pudesse intervir. Perguntou:

— Sabe pilotar esta coisa, Dousana?

— Sei! — ela respondeu.

— Quando eu der o sinal, vá para os controles e faça exatamente o que eu mandar!

— Não vamos conseguir sair desta situação — ela disse, a voz firme. — O autômato enviou um sinal para os outros, mas temo que não cheguem a tempo. Cedo ou tarde, esse homem vai igualar nossa velocidade, e então não escaparemos dos tiros!

— Tenha calma, a batalha ainda não está perdida — ele asseverou. — Vou improvisar alguma coisa.

— *What the hell is going on?* — exclamou Bierce.

Ulisses balançou a cabeça e sorriu de dentes cerrados, mas reprimiu o riso em seguida. Uma estranha euforia espantava a memória paralisante do tiroteio a bordo do dirigível N.º 29 de Santos Dumont: os projéteis rasgando a estrutura de bambu e seda — e a carne e os ossos do Sargento Manuel Mello, um dos subordinados de Ulisses. E então ressurgiu o medo que sentira ao saltar do convés do *Le pilote fantôme* para alcançar a terra lá embaixo, num planeio à mercê do paraquedas de Alberto.

Essa segunda lembrança forneceu-lhe uma ideia.

\*

Dousana dirigiu o aparelho numa ascensão aguda e manteve a lancha aérea nivelada. A velocidade do voo também aumentou. A esperança crescia no peito de Ulisses.

Tornava-se difícil manter o autômato como escudo enquanto ela pilotava e o atirador circulava em torno deles procurando um ângulo para atingi-los. Meia dúzia de disparos foram efetuados: o carregador da Luger ainda forneceria duas vezes esse número. Em duas oportunidades, Dousana teve de abandonar a pilotagem para proteger-se atrás das costas do autômato, entre os corpos suados de Ulisses e Bierce.

O aumento da velocidade forneceu a vantagem momentânea de que Ulisses precisava.

— Diga ao autômato para ficar absolutamente imóvel — ordenou, observando crescer a distância entre eles e o agressor.

Dousana repassou a ordem, e então Ulisses a fez retomar os controles. Novos disparos deram testemunho de que o inimigo percebera seus movimentos. Agora a sorte estava lançada.

A mulher fez ascender ainda mais o veículo. O atirador sumiu de suas vistas. Ulisses abandonou a proteção do autômato e foi até a popa da lancha aérea.

— Tenha cuidado! — Bierce gritou em francês.

Ulisses espiou pela borda do aparelho. Abaixo dele e um pouco afastado, o homem voador lutava com os controles do dispositivo que anulava a gravidade. Também ganhou velocidade: sua forma cresceu perante os olhos de Ulisses. Disparou apressadamente a Luger ao vê-lo e atingiu a popa da aeronave.

— Pode conseguir uma ascensão num ângulo de quarenta e cinco graus, Dousana, mas mantendo-nos nivelados?

A mulher respondeu executando a manobra. Ulisses viu o agressor corrigir o seu curso para compensá-la.

— Feche o ângulo mais um pouco! — Ulisses gritou, sem tirar os olhos do inimigo. — E faça a proa subir *agora!*

— Vamos perder o nivelamento... — Dousana começou.

— Faça o que eu digo!

Sentiu que era empurrado para baixo.

— *Mais!* — berrou.

E então girou o corpo até ficar agachado contra a amurada da popa, agarrado a uma alça fixada nela—



—e ver o local onde estivera um segundo antes ser destruído pelo peso titânico do autômato—

—e atrás da máquina semovente vir o corpo cambalhoteando de Ambrose Bierce.

Ulisses esticou-se e agarrou o velho americano pela gola do casaco antes que seguisse o autômato na queda livre.

— *Shiiiiit!*..

Bierce agitou os braços e as pernas e se pendurou no vazio. Ulisses sentiu as articulações dos seus braços estalarem, um segurando o homem, o outro a alça. E para além da figura esperneante de Bierce, viu o autômato girando no ar como uma peça maciça arrancada da superestrutura de um navio de guerra. Faiscou com um brilho breve e dourado — fração de segundo antes de colher o homem voador em pleno ar. Um ganido humano chegou aos ouvidos de Ulisses. Ele então viu a pistola e o capacete separarem-se da forma de muitos membros que diminuía celeridade diante de seus olhos, a caminho de despedaçar-se no terreno centenas de metros lá embaixo.

**Continua...**

